

Porto, 1 de Agosto de 1959

Muy amigo mío

Estuvimos tres días en Florencia, abrumados con el calor horrible y nos vinimos a escape hacia Portugal. Pero antes nos cayó en suerte aún Niza, un domingo, y nos reventamos el corazón de mirar un corso de flores que estaba para comérselo. Niza y sus viejas prostitutas casi andrajosas de tan vulgares, y que pasean por allá su técnica del amor que deslumbrará sin embargo a los viñateros de Provenza, en el estilo de un señor Grandet, me pareció como por detrás de la luna, una estampa de mi niñez y que no pensaba encontrar jamás. Pues era de mis cuatro o cinco años aquella multitud, aunque menos agobiada de melancolía, y que escuchaba relamidos valeses y números de café-concierto llenos de delicado deseo de divertir. Mujeres tristes que comían helados casi deshechos en las tacitas de metal, o niñas cursi que se paseaban en pantalones azules como odaliscas de un cuento sin importancia acerca de los quehaceres de una señora Kurda. Jamás he visto la provincia tan cerca como en Francia.

Porto, 1 de Agosto de 1959

Meu muito amigo,

Estivemos três dias em Florença, esgotados com o calor horrível e viemos logo para Portugal. Mas antes ainda nos caiu a sorte de Nice, um domingo, e rebentou-nos o coração observar um curso de flores que estava de se comer. Nice e as suas velhas prostitutas quase andrajosas de tão vulgares, e que passeiam por ali a sua técnica de amor que deslumbrará, contudo, os vinhateiros da Provença ao estilo de um senhor Grandet¹, pareceu-me como que por detrás da Lua, uma estampa da minha infância e que jamais pensava encontrar. Pois era dos meus quatro ou cinco anos aquela multidão, embora menos carregada de melancolia, e que ouvia valsas dengosas e números de cafés-concerto repletos de um delicado desejo de divertir. Mulheres tristes que comiam gelados quase desfeitos nas tacinhas de metal, ou meninas pretensiosas que se passeavam de calças azuis como odaliscas de um conto sem importância, acerca dos afazeres de uma senhora curda. Jamais vi a província tão próxima como em França.

¹ Alusão a uma personagem do romance *Eugénie Grandet* de Honoré de Balzac, publicado em 1833.

Al legar me encontré una carta de Pierre Emmanuel que expri-me la sensibilidad que no se pudo gastar en Lourmarin, porque los poetas son las personas que siempre se dejan la verdad para después. Y Pierre Emmanuel, al reconocer, por inspiración poética, que mis intenciones eran, en medio de la aridez de los asuntos presentados, las verdaderas, me dio una última prueba de la complicidad de mediocridad en que el encuentro, quizá también por mi parte, se desarrolló. Ud. se reía siempre y se iba a dormir — pero yo, le confieso ahora, tenía siempre un puñalito en la nuca de tanto que creía como posible toda la estupidez, y lo que debiera era emprenderme a puñetazos con todo eso. Pero no hablo más de ello.

Le agradezco muchísimo la bondad que hubo casi de inventarse para nosotros, y lo digo en serio porque lo conozco bastante. Le retribuyo, escribiéndole en un papel a rayas, cosa muy admirable en mí, y para que lea Ud. con menos pinchazos en la paciencia, porque, por costumbre, escribo muy cerrado y raro. Fue para mí, unas veces agradable, otras no, su compañía. Pensé siempre, cuando lo miraba, en el problema de la libertad y si Ud. se daría cuenta, en medio de su novela personal, si había en ella libertad o sumisión; y si nuestros impulsos para vivir según nuestra apariencia interior no nos llevarán a una esclavitud peor que la exigencia del mundo que nos rodea. Pero no es fácil hablar de esto, ni de nada. Una cosa aún quiero decirle: que usted no se dio cuenta que mi antipatía hacia Eugenio, por ejemplo, no tocaba casi su raza, su condición, su naturaleza, pero que esa antipatía es el fondo inco-

Ao chegar encontrei uma carta de Pierre Emmanuel² que exprime a sensibilidade que não se pôde esgotar em Lourmarin³, porque os poetas são pessoas que deixam sempre a verdade para depois. E Pierre Emmanuel, ao reconhecer, por inspiração poética, que as minhas intenções eram, no meio da aridez dos assuntos apresentados, as verdadeiras, deu-me uma última prova de cumplicidade da mediocridade na qual o encontro, quiçá também da minha parte, se desenvolveu. Você ria-se sempre e ia dormir — mas eu, confesso-lhe agora, eu tinha sempre um punhal na minha nuca de tanto que eu julgava como possível toda a estupidez, e o que eu devia era empenhar-me a dar socos a tudo isso. Mas não falo mais dele.

Agradeço-lhe muitíssimo a bondade que teve de quase se inventar para nós, e digo-lho a sério porque o conheço o suficiente. Retribuo-lhe, escrevendo-lhe num papel de riscas, coisa muito admirável em mim, e rara, e para que leia com menos beliscadelas na paciência, porque, por costume, escrevo muito cerrado. Foi, para mim, umas vezes agradável, outras não, a sua companhia. Pensei sempre, quando o observava, no problema da liberdade e se você se daria conta, no meio da sua novela pessoal, de haver nela liberdade ou submissão; e se os nossos impulsos para viver segundo a nossa aparência interior não nos levarão a uma escravatura pior do que a exigência do mundo que nos rodeia. Mas não é fácil falar disto, nem de nada. Uma coisa ainda lhe quero dizer: que você não se deu conta de que a minha antipatia face a Eugénio⁴, por exemplo, quase não tocava a sua raça, a sua condição, a sua natureza, mas que essa antipatia é o fundo incor-

2 Pierre Emmanuel. Gan, 1916 — Paris, 1984. Poeta e jornalista.

3 Em 1959, no âmbito do Congrès pour la Liberté de la Culture (C. L. C.), Pierre Emmanuel foi o responsável pela organização do Rencontre de Lourmarin, patrocinado pela Universidade de Aix-en-Provence e pela Fondation Laurent-Vibert. O encontro teve lugar no Castelo de Lourmarin, para o qual Agustina Bessa-Luís foi a única autora portuguesa convidada a conferenciar, entre escritores espanhóis, franceses, alemães e italianos. A viagem desde Portugal, passando por Espanha, França e Itália, decorreu entre os dias 30 de Junho e 29 de Julho, e resultou no livro *Embaixada a Calígula*, publicado pela Livraria Bertrand em 1961.

4 Eugénio de Andrade. Fundão, 1923 — Porto, 2005. Poeta e tradutor.

rruptible de mí ser. Toda mi más alta verdad se puede definir por antipatía e inteligencia. ¡Qué más da un homosexual o bizco! Solo que no los quiero confundir y me interesa el aislamiento por especie de cada uno. Antipatía es no entregarme con el sentimiento, a la posibilidad de pactar, vivir, «*dormir ensemble*», en el lenguaje aquí filosófico de Filón de Alejandría, con lo que puede hasta ser el bien humano — el homosexual, o el bizco.

Saludos nuestros, y el afecto de su amiga
Maria Agustina

ruptível do meu ser. Toda a minha mais alta verdade se pode definir por antipatia e inteligência. Que diferença faz ser um homossexual ou um estrábico! Só que não os quero confundir e interessa-me o isolamento por espécie de cada um. Antipatia é não me entregar, com o sentimento, à possibilidade de pactuar, de viver, de «*dormir ensemble*», na linguagem aqui filosófica de Fílon de Alexandria⁵, com o que pode até ser o bem humano — o homossexual, ou o estrábico.

Saudações nossas, e o afecto da sua amiga
Maria Agustina

5 Fílon de Alexandria, filósofo judeu da cultura grega nascido em Alexandria, viveu entre o final do século I a. C. e a primeira metade do século I d. C.

Em 39/40 d. C., Fílon liderou uma delegação de cinco membros enviada a Roma, ao imperador Calígula, em protesto contra os conflitos de que era vítima a comunidade judaica que vivia em Alexandria. Contudo, os esforços desta delegação revelaram-se inférteis, tendo a embaixada encontrado o jovem Calígula num estado de demência avançado, e os seus protestos não foram ouvidos. O resultado proveniente da embaixada liderada por Fílon serviu de metáfora para o livro de Agustina, que, entre as muitas reflexões sobre o encontro, escreveu: «Quando se reúnem homens que, pelo seu trabalho de criação e pela sua qualidade moral, se classificam como pesquisadores da verdade, é decepcionante e até cruel vermos que se entregam laboriosamente a uma ocupação de divulgadores apenas. Foi esse, a meu ver, o mais terrível escolho do Encontro de Lourmarin. Mas aquilo que se tornou mais impressionante foi a falência, a dificuldade da comunicação» (*Embaixada a Calígula*, Guimarães Editores, *Opera Omnia*, 2009, pp. 104-105).